

EDITORIAL

AMOR, ÓDIO E IGNORÂNCIA: EFEITOS DO BOLSONARISMO NA PSICANÁLISE E NA POLÍTICA

*Denise Maurano
Joana Souza*

Eis que como um tsunami, sem que pudéssemos imaginar, a onda Bolsonaro foi crescendo nesse Brasil, e com ela, para muitos de nós, um intenso afeto foi nos tomando. Não se tratava de angústia. Era mesmo a agonia, dessas que acompanham os momentos derradeiros. Angústia e agonia não são a mesma coisa.

Essa agonia se espalhou por todos os espaços e nisso, não poupou os consultórios de psicanálise e nem mesmo os psicanalistas de se pronunciarem, ou de se engajarem, mais efetivamente, na cena política. A cena política invadiu todas as intimidades e pôs a nu o debate que báscula entre a **neutralidade**, a **negligência** e a **abstinência** do psicanalista. Nós analistas, fomos premidos, de diferentes modos, a nos pronunciarmos, seja na cena pública, seja na privada.

Foi nesse sentido que a partir de uma iniciativa da *Revue Psychologie Clinique* sob um projeto de Olivier Douville, Luis Eduardo Prado de Oliveira, recolheu, traduziu e editou diversos textos que compuseram na revista mencionada, uma seção intitulada: “A psicanálise na tormenta: testemunho de brasileiros.” Denise Maurano participou dessa edição com seu testemunho e foi então que surgiu a ideia de publicarmos em nossa revista o presente número especial intitulado: **Psicanálise e Política: versões e reversões do mundo e do imundo**. Para tal, convidamos a escrever, tanto alguns colegas que já haviam colaborado com referida revista, quanto vários outros psicanalistas ou não, que pudessem se pronunciar sobre as memórias desses tempos conturbados. A reação de todos os convidados foi de aceitação imediata, o que nos revela o quanto estamos precisando de espaços para nos manifestar diante do momento atual.

Dado a clínica ser o berço da psicanálise, focalizando especialmente o período efervescente das eleições brasileiras de 2018, decidimos começar esse editorial pela

vertente da afetação que Maurano propõe nomear como Efeito Bolsonaro na Clínica, antes da apresentação dos textos que compõem essa publicação. Em tempos de exacerbação desmedida de amor, ódio e ignorância, quatro tipos de experiência nos marcaram nesse contexto clínico. Numa delas escutar a defesa do bolsonarismo, consonante com o estilo do paciente, exigia de nós uma abstinência resignada. Afinal, não estamos na clínica para nos manifestarmos como sujeito que somos. Cabe-nos pendurar o Eu na sala de espera, e nos emprestarmos à função de analista.

Na outra, ouvir acerca do ressentimento quanto ao ex-presidente Lula e seu partido, ensurdecia a analisante quanto às informações acerca do candidato salvador. O não querer ver, não querer escutar, de todo modo nos permitia um questionamento a respeito. Tanto a paixão ressentida, quanto o não querer saber, para manter a esperança num mestre salvador, puderam ser tocados. Eles propiciavam elementos analíticos. O que nos favorecia uma abstinência que poderíamos chamar de investigativa.

Outra experiência, que foi a que mais pôs em risco a abstinência, foi a do espelhamento identificatório, onde vivíamos o risco de nos colocarmos em tal concordância com as críticas e o discurso político do analisante que a escuta efetivamente analítica ficava secundarizada no calor da sideração pela paixão política. Arriscávamos aí, cedermos à tentação de tomarmos da função de analistas, e constituirmos o *setting* clínico não como um espaço de manifestação do inconsciente, mas de militância política, pondo a perder, a análise.

Mas foi com Ester, que tivemos a provocação mais instigante. Ela havia feito um belo percurso de anos de trabalho, e há alguns meses, dando-se por satisfeita, resolveu que era hora de parar sua análise. Efetivamente, sua posição na relação com a vida havia se transformado completamente. Anos atrás, indicada por um médico, ela havia chegado em “surto”, com um diagnóstico de psicose.

Médica notável, contando em torno de 60 anos, diretora de um hospital público, ao qual ela havia se dedicado integralmente com todo rigor e disciplina, ao ver seu serviço desmantelado e tendo sido premeada a se afastar, se desestruturou.

Viu-se paranoicamente perseguida por tudo e todos. Não imaginava como poderia existir sem “o seu serviço”, como dizia, e por vezes, acordava à noite apavorada com a sensação física de estar dormindo, não com seu marido, mas com seu pai.

Tomada de um grande amor por este último, até mesmo a escolha da profissão tinha sido decorrente da tentativa de salvá-lo de um câncer fatal. Bastante colaborativa com a análise, a transferência pode funcionar e o trabalho fluiu de vento em popa. Efetivamente, o diagnóstico de psicose revelou-se completamente equivocado. Ester transpirava histeria. Numa ávida relação com o saber, surpreende-se um dia, quando escuta de si mesma, referindo-se à sua saída do "seu serviço": - "Não é nada fácil sair do meu quartel general."

Sublinho o significante "quartel general" e imediatamente, ela o associa à sua relação com seu pai e, dá-se conta de que pautou sua vida pela disciplina militar dele, que havia sido general do exército e participado ditadura. Dizia ressoar nela a frase repetida por ele, aos filhos: "- Cuidado, porque como general, serei eu, que pagarei pelas faltas de vocês." Apercebe-se que a extrema rigidez tanto consigo mesma, quanto com os outros, a qual sempre se submeteu, lhe custava muito, porque não a reconhecia como sendo algo que estava na sua natureza. Surpreende-se ao reconhecer nisso, uma estratégia para seduzir seu pai, fazer-se tal qual ele. Da mesma forma que quando criança, ia com ele pescar e fazer todos os programas "de menino", afim de conquistar o lugar de favorita.

Então ao "sair do quartel general", teve que se haver com o luto por sua morte, que estava por ser feito, já que na época do falecimento do pai, desviou-se da dor casando-se com um homem semelhante a ele e entrou no hospital, do qual veio a tornar-se a diretora "tolerância zero", fazendo-o tal qual seu pai.

Estou contando essa história porque, essa mulher que se valeu da análise, "mudando da água para vinho", como ela se orgulhava em dizer, celebrando a flexibilidade e a serenidade que tinha conseguido conquistar, e até por isso, decide "finalizar" seu trabalho analítico, reaparece um ano depois, na época que antecedeu as recentes eleições, pela via de mensagens de apoio a Bolsonaro, a nós enviadas por WhatsApp. O que muito nos surpreendeu, não apenas pelo percurso acima descrito, como também pela escolha que fez durante toda vida de manter-se no serviço público, sempre se dedicando às causas sociais em defesa dos menos favorecidos.

Nos abstermos de responder, tal como fizemos com tantos outros, mas, no caso de Ester, depois da terceira mensagem a nós enviada, nos demos conta que todas, tinham em comum, um apelo à organização militar. Bolsonaro parecia encarnar a volta do pai militar.

Foi então que, frente a particularidade desse caso, no qual o militar não era qualquer coisa, percebemos que nos manter abstinente, sem nada responder, seria ser negligente. Fizemos então um ato “whatsAppico”. Remetemos uma mensagem dizendo: -“Ester, vale o caminho de volta ao quartel general? Gostaria que viesse me falar disso na sua análise.”

As mensagens pararam. Silêncio total! Vamos ver o que se segue.

Não foi sem hesitação que enviamos essa mensagem, até porque, sendo a transferência uma via de mão dupla, havia nessa intervenção, uma ponta de satisfação por termos sido autorizados a intervir. Uma esperança inconfessável, mas aqui confessada, de demovê-la de ir na direção do Bozo e ao mesmo tempo um alívio por termos podido nos manter abstinente, fiéis à ética que nos move.

Todos fomos postos à prova, nessa tempestade política que nos assolou, e que mantém o céu carregado e cinzento, mas que nos dá oportunidade de estabelecermos o mais precisamente possível a fronteira entre a negligência irresponsável, na qual o analista se ensurdece e se esconde no medo de seu ato; a neutralidade hipócrita, na qual exhibe a falsa posição de não ter posição; e a abstinência necessária que sustenta nossa ética. É somente dessa última posição, que podemos intervir em consonância com a divisão que se faz absolutamente indispensável entre a pessoa que somos, e a função que ocupamos.

Porém, enquanto cidadãos, qual pode ser a nossa presença, ou melhor, a presença da psicanálise na cena pública? Não foram poucas as manifestações de Freud, o pai da psicanálise e de Lacan, seu seguidor de maior projeção, no âmbito da participação dos achados psicanalíticos na cultura. O legado que seus textos deixaram não é de pouca monta. Basta lê-los, ou saber lê-los para depreender a potência política da psicanálise.

A ampliação da interlocução da psicanálise com diversas áreas, a intervenção que ela fez e faz na cultura, revela seu poder de transformação que transborda do *setting* clínico e das publicações técnicas para fazer dela um método no qual vigora uma ética radical que aponta para um rigor que se encontra a léguas de distância da rigidez e provoca os espaços nos quais ela tem a oportunidade de se inserir. Indica uma dinâmica que é completamente alheia ao imobilismo. Incita transformações que não se conjugam com aprisionamentos. E por tudo isso e muito mais, repele qualquer ditadura,

mesmo aquela das vociferações do inconsciente e é mesmo por isso que se oferece para tratá-las.

Mas o desafio, não é nada fácil! Os sistemas ditatoriais, fascistas, tem horror à questionamentos, dúvidas, proposições, lidam apenas com certezas delirantes, injunções cegas e radicais, automatismos inumanos. E eis que temos que fazer algo diante disso. Operar com a palavra, seja ela falada ou escrita, não é pouca coisa. A palavra, tal como a vida, é mágica. Faz parte da criação, então trabalhamos com ela.

Convidamos a participar desse número especial, não apenas analistas expoentes que tem um trabalho reconhecido na labuta pela liberdade, mas também profissionais expoentes em outras áreas afins, tais como o Professor Javier Lifschit do Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO, cujo trabalho gira em torno das questões relativas à memória política, que trata da memória relativa as ditaduras que assolaram a América Latina a algumas décadas. O texto de Lifschit **“Atos inaugurais e política na América Latina atual”** abre essa edição de forma primorosa, pois retoma autores da chamada “esquerda lacaniana” para pensar o golpe parlamentar de 2016 e seus efeitos nas últimas eleições. Lifschit, circunscreve como determinados fatos políticos parecem remeter ao conceito psicanalítico de *ato* ou *ato inaugural*. Em seguida, em **“Cronologia do horror”**, Marco Antonio Coutinho Jorge nos presenteia com um ensaio extremamente sensível a respeito de eventos violentos que causaram impacto no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo, com vistas a promover uma reflexão extremamente necessária sobre os impactos da barbárie que assola nosso cotidiano, incentivadas pelas vociferações do atual presidente da República, cujas palavras são utilizadas, não para apaziguar a alma sofrida do povo, mas sim para autorizar a violência. A reflexão trazida por Felipe Castelo Branco segue nessa mesma direção no texto **“O ódio como afeto político: sobre a composição do populismo de extrema-direita no Brasil”** que busca em Freud, Arendt e Benjamim as bases para pensar como o ódio pode ser instrumento político que permite o estabelecimento de tendências autoritárias e não-autoritárias das organizações políticas e como a democracia pode funcionar como um tratamento simbólico do ódio.

Em **“A voz na tanatopolítica”**, Mauro Mendes Dias discorre sobre a questão da voz na psicanálise e na filosofia, para evidenciar como a deformação das leis da linguagem se dá pela redução da invenção e do riso. O texto **“Psicanálise e política: o trabalho da desilusão”** de Alexei Conte Indursky e Bárbara de Souza

Conte, propõe uma leitura do bolsonarismo a partir do conceito de identificação de Freud, ao mesmo tempo em que destaca a importância da desilusão como condição necessária para a elaboração da necessidade da crença. Samira Assad em **“A política e o corte”**, parte de uma articulação entre religião, política e psicanálise para então propor o corte e sua orientação ao real, como forma de fazer cair o ideal do bem. Instigante como sempre, Antonio Quinet no ensaio **“Paranoia das massas da era digital - os softidiots e a bigbrotherização”**, utiliza a ideia do panóptico para pensar, à luz da psicanálise, os efeitos da revolução digital. Para o autor, a sociedade escópica, ganhou outro aliado – o ponoptismo digital. Por sua vez, Luciano Elia de forma ousada e rigorosa, aproxima o conceito lacaniano do gozo e o conceito de mais-valia, cunhado por Marx, para propor um tratamento do capitalismo a partir da psicanálise no texto intitulado **“Psicanálise e política: da mais-valia ao mais-de-gozar”**.

“Abstinência”, é o título do artigo de Ana Maria Sigal, que retoma as noções de neutralidade e abstinência, fundamentais para a práxis analítica, para mostrar como essas noções foram utilizadas de forma equivocada pelas instituições psicanalíticas, para promover perseguições aos psicanalistas que participavam da política na vida pública. O texto **“Psicologia, psicanálise, arte e encarceramento juvenil”** escrito por Marlise Eugenie D’Icarahy, Rita Maria Manso de Barros, Lucia Maria de Freitas Perez e Andréa Martelo, traz uma instigante interrogação: diante do cenário de encarceramento precoce que se agrava cada vez mais dada a as violências impetradas pelo Estado, de que forma a psicologia, a psicanálise e a arte podem contribuir para a elaboração subjetivas desses socioeducandos que vivenciam fortes experiências traumáticas, bem como para a transformação de tão cruel *status quo*? Dercirier Freire em **“A forclusão dos direitos humanos e o mal-estar revelado por Sigmund Freud”**, a partir da tríade direito, política e sociedade, estabelece uma acurada análise a respeito do paradoxo colocado pelos Direitos Humanos ou direitos do homem, criado para coibir os crimes praticados pelo Estado contra a população, e seu real marcado pelo fracasso em impedir que tais crimes ocorram. Em seguida, apresentamos o texto **“Ditadura civil-militar e processos de nomeação da dor: quando a arte produz suturas no real”**, escrito por Estefânia Corrêa Boreia e Marcos Pippi de Medeiros, onde as relações entre a psicanálise e a arte produzida no período da ditadura civil militar brasileira são estabelecidas. Os autores propõem que a arte foi um importante

dispositivo na nomeação da dor vivência nesse período da nossa história. Fechamos esta edição especial com o artigo “**Esse filme não é um filme**” de Ricardo Azevedo Pacheco, cuja discussão gira em torno do documentário político “No intenso agora” que retrata acontecimentos da década de 1960 e as considerações sobre a lógica política em jogo no encontro de psicanalistas em torno dessas questões.

Assim, marcados por um profundo incomodo causado pelo momento que vivemos, nos colocamos a produzir. Utilizamos a escrita como modo de bordejar esse real que, momentaneamente nos assola, mas que também faz com reinventemos novas formas de existir e de nos posicionarmos frente à vida com tudo que ela tem de melhor e de pior.

Uma excelente leitura!!!

© 2019 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php